

---

## FICÇÃO DE AUTORIA FEMININA CONTEMPORÂNEA: INDICAÇÕES NO BRASIL

---

Rosa Gens<sup>1</sup>

**RESUMO:** Apresentam-se escritoras que produziram ficção recentemente, com constância na publicação e certa regularidade de apreço da crítica especializada. Comentam-se obras de Ana Paula Maia, Carola Saavedra, Clarah Averbuck, Fernanda Young, Patrícia Melo e Tatiana Salem Levy, buscando suas especificidades. Paralelamente, o estudo aponta, também, para uma investigação do papel de *escritora*, e para a imagem por elas veiculada.

**PALAVRAS-CHAVE:** ficção de autoria feminina; estudos de gênero; literatura brasileira contemporânea

**ABSTRACT:** This essay shows woman writers who had produced fiction recently, with constancy in the publication and certain regularity of appraisal of the specialized critic. Texts of Ana Paula Maia, Carola Saavedra, Clarah Averbuck, Fernanda Young, Patrician Melo and Tatiana Salem Levy, are commented searching its signatures. The study points, also, to an inquiry of the paper of *woman writer*, and to the image propagated.

**KEYWORDS:** fiction of feminine authorship; gender studies; Brazilian literature contemporary

---

<sup>1</sup> Professora Doutora de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFRJ.

Furto-me a dizer que nunca as mulheres escreveram tanto, pois é algo que não pode ser provado. Acredito, mesmo, que elas sempre escreveram muito, e muito. Posso, entanto, afirmar, com segurança, que nunca as mulheres publicaram tanto. O acesso à publicação pode ser comprovado, verificado, visualizado. Basta seguir as publicações que chegaremos à conclusão que a presença de autoras vêm crescendo e se adensando.

Não posso afirmar, entretanto, que o circuito cultural de legitimação venha conferindo importância maior à presença de autoras. Basta verificar os prêmios literários, as listas de melhores livros e publicações dedicadas à literatura brasileira para inferir que a escolha ainda é parca, e pouco sintonizada com o real movimento de produção e publicação.

Tomo como exemplo a publicação *Granta*, de 2012, dedicada “aos melhores jovens escritores brasileiros”. A revista, que visa, em sua edição brasileira, “a traçar os contornos da literatura brasileira do século XXI”, inclui autores de “com menos de 40 anos e com pelo menos um conto já publicado”. O resultado foi dado por sete jurados, e a lista dos escolhidos mostra quatorze homens e seis mulheres. Nota-se, assim, que a proporção ainda é perversa e os números não nos deixam, por vezes, enfatizar a presença da autoria feminina como dominante.

Dentro desse panorama ancorado na segunda década do século XXI, são aqui indicadas – e a palavra tem dois sentidos – algumas escritoras. Indicação vale por sinalização, e também por designar como apreciada, e perfaz o movimento de uma primeira apreensão das escritoras. Ressalto que esta pesquisa é realizada no âmbito do *Fórum de literatura contemporânea* da Faculdade de Letras da UFRJ, do qual faço parte ([www.forumlitbras.letas.ufrj.br](http://www.forumlitbras.letas.ufrj.br))

As escritoras foram selecionadas na cena carioca e paulista, e a questão do gosto pessoal entrou em jogo. Ainda é um texto indicativo, e não aprofunda determinadas questões que já são entrevistas. Farei uso das obras, nesta primeira abordagem, de maneira descritiva e sinalizadora.

### CLIPS E VIOLÊNCIA: ANA PAULA MAIA

Ana Paula Maia nasceu em 1977, no Rio de Janeiro. Até o momento, lançou quatro romances, e firma-se pela linguagem aguda e pelos temas sociais. O discurso objetivo e cortante, a escolha lexical certa e a secura das imagens, que apontam para a violência, são marcas constantes de sua escrita.

O primeiro deles, *O habitante das falhas subterrâneas*, foi publicado pela editora *7 letras*, que, na maior parte das vezes, participa de sistema de divisão de custos com o escritor, e que se firma por apostar em estreados promissores na literatura brasileira. O seguinte, *A guerra dos bastardos*, pela editora Língua Geral, de médio porte, também marcada pela aposta no novo, e os demais pela Record. Dança de editoras que mostra claramente perfil de ampliação da escritora, que ganha novo público ao chegar ao selo de editora com distribuição mais eficaz.

Lembro-me de, em 2007, assistir, ao esperar na antesala do cine Reserva, em São Paulo, a um clip que anunciava *Guerra dos bastardos*. Creio que foi uma experiência única com a veiculação da literatura em espaços públicos, de maneira inteligente e certa.

A própria autora revela que encerrou uma trilogia, denominada “A saga dos brutos”, formada pelas obras *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (que encerra, também, *O trabalho sujo dos outros*) e *Carvão animal*. Tangenciando uma estética neonaturalista, focaliza os “homens que abatem porcos, recolhem o lixo, desentopem esgotos e quebram asfaltos” (p. 10) São funções aliadas do tecido social, que raramente comparecem ao patamar da literatura. Assim se faz o texto de Ana Paula Maia: pelo viés do neonaturalismo, intentando a denúncia e a crítica social. Muitas vezes, sua ficção recebe o título de pulp, ao abordar com mestria o universo da violência, da contemporaneidade, sem dó.

### IMAGENS DURADOURAS: CAROLA SAAVEDRA

A escritora nasceu no Chile, em 1973, e chega ao Brasil com três anos. Morou na Espanha, na França e na Alemanha, e atualmente reside no Rio de Janeiro. Publicou dois livros de contos – *Do lado de fora*, pela *7 letras* e *Toda terça*,

pela Companhia das Letras e e dois romances, *Flores azuis* e *Paisagem com dromedário*, pela Companhia das Letras, indicados para premiação.

Em sua prosa, sucedem-se estratégias que ora misturam marcas da latino-americana deslocadas para a paisagem europeia, ora estudos de intimidades e desejos trabalhados de forma delicada e sensível. Há sempre um certo distanciamento da matéria narrada, como se a voz narrativa sempre estivesse situada “do lado de fora”, ainda que utilizando o recurso à primeira pessoa. Assim, também aparece distanciada a emoção, como se os sentimentos fossem congelados e pudessem ser observados à distância, como uma experiência do olhar.

#### **ENTRE O BLOG E O LIVRO: CLARAH AVERBUCK**

A autora nasceu em Porto Alegre, em 1979, e até o momento apresenta três livros de ficção publicados. Minhas preocupações recaem, aqui, sobre sua obra *Máquina de pinball*, lançada pela editora Conrad, em 2002. Desde a apresentação da capa e da contracapa, revela-se o movimento deslizante entre ficção e realidade, já que a foto que a ilustra é da própria autora. O deslizamento entra na obra e chega ao seu ponto máximo numa nota final, em que se encontra: “Escrito entre julho e dezembro de 2001, passando por São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Londres, porque a autora vendeu o corpo para comprar um laptop carinhosamente apelidado de notebuck c. É mentira, mas é tudo verdade.” (AVERBUCK, 2002, p.81). Neste movimento de recuperação e ocupação do real, a imagem de mulher que vai sendo construída no texto é nítida desde a primeira página: “Sim, sou mulherzinha. Uso maquiagem, salto agulha, piercing no umbigo e esmalte com glitter. E sou feliz assim. Mulherzinha. Mas com bolas.” (p. 14)

O discurso ficcional mostra-se um composto de elementos da indústria cultural. O rock trespassa e violenta a linguagem, assim como a profusão de termos em inglês e de palavras: “Agora virou hype. Tudo bem, eles merecem. Então para os fodidos, rock e miojo. Mas miojo light, porque não quero virar uma pêra. Já basta ser pobre, se também inventar de ficar gorda vai ser foda” (p.18). Além dessa interferência de palavras, o texto exhibe um movimento não contínuo na seqüência

da trama. Reflexões sobre a condição do ser mulher e do ser homem são constantes, e entram também na ciranda do enredo, em que a linearidade subverte-se, já que o movimento lembra o das bolas na máquina de pinball. Como se a narradora – Camila Chivirino, 22 anos – não tivesse o controle do narrado (e da vida) — que se desgoverna.

Assim, procedimentos riscam da face do texto os papéis tradicionais da mulher, de esposa e mãe. No ricochetear de idéias, encontram-se os trechos:

“Meninos, agora todos prestem muita atenção no que vou dizer:

BROXAR NÃO É TÃO RUIM COMO VOCÊS IMAGINAM. NÃO É.

É mais ou menos como se a nossa pussy não abrisse na hora em que deveria estar molhada e penetrável e quentinha. Entendo a frustração de vocês, juro. Mas vocês também têm que entender que pau não é tudo na vida e que se vocês ficarem parando só porque tem uma coisa mole pendurada no meio das pernas, aí sim que estraga tudo. (p.20)

Homens são mesmo clichês ambulantes. Depois de gozar, ele acendeu um cigarro e soltou a fumaça com um “ahh” de prazer. Meu deus, eles fumam depois de gozar. Tem coisa mais Óliudiana? Não tem. Talvez aquela clássica cena da garota sexy mexendo os cabelos de um lado para o outro ao vento, mas vamos combinar: é foda. Fumar depois de gozar é foda (p. 47)

Palavras re-significam os relacionamentos entre homens e mulheres, expandidos por situações do cotidiano que se tornam exemplares. A familiaridade da autora com seu *blog*, assinado por Lady Averbuck, que chegou a receber mil e trezentas visitas em um único dia, permite conectar o discurso bloguiano à obra. Trata-se de um texto composto de blocos de palavras, unidas por diversos trajetos, cadeias. A oralidade é constante, nessa espécie de *On the road* atualizado para o século XXI, em que a linha narrativa liga viagens, amores, reflexões, num traçado descontrolado. Assim, a obra utiliza alguns dos recursos do blog, e descarta outros, como o aspecto de visualização e a possibilidade de nexos abertos na construção

discursiva. Tanto que a voz narrativa é única, fortemente centrada no eu, sem permitir a interferência de outras, mas perturbada em suas conexões, dado o alto grau de intimidade. A violência é discursiva, em uma literatura que se apresenta como experiência mínima, para significar muito, injetando experiências da rede no papel.

Em sua última publicação, Clarah chega ao objeto-desejo-livro, ao encapar seu livro *Nossa senhora da pequena morte* com capas de LPs, e torná-lo objeto estético desejável, vendido a 00 reais. Ao mesmo tempo, disponibiliza o download, gratuito, de *Máquina de Pin-ball*. Nesta escritora que, segundo ela mesma: “Nariz de pugilista, coração de moça e cabeça dura”, as contraadições persistem e tornam-se matéria de criação estética.

#### ESPELHO MEU: FERNANDA YOUNG

A escritora Fernanda Young (Fernanda Maria Young de Carvalho Machado) nasceu em Niterói, em 1970. Até o momento, apresenta dez obras de ficção publicadas; foi roteirista de *Os normais* e outras séries televisivas, é figura constante de exposição na mídia. Na exibição da marca – Fernanda Young –, tanto valem um anúncio do jeans Ellus, quanto ser coelhinha na revista Playboy, como seu último livro, *A louca debaixo do branco*, em que se sucedem imagens de vestidos de noiva, e que a própria escritora se torna suporte.

Trabalhando muitas vezes com temas ligados à indústria cultural, e utilizando os veículos midiáticos para promover sua imagem e sua produção literária, a escritora marca-se por uma escrita segura e maleável, que beira a oralidade. O recurso de entrada do eu civil na narrativa ficcional percorre seus textos, questionando a esfera do autor e propondo reconfigurações dos mecanismos de leitura.

Define-se, também, por uma estratégia de choque. Como exemplo, *A sombra das vossas asas*, em que a protagonista Carolina empenha-se em tornar-se uma mulher perfeita, modificando corpo e alma, para vingar-se do fotógrafo Rigel. Ou a obra *O pau*, que traz na capa um pênis e que gira toda ela em torno dele.

Irreverência e agressão a uma espécie de público bem comportado tornam-se os carros-chefe da autora.

#### SUCESSO E SILÊNCIO DA CRÍTICA: PATRÍCIA MELO

Patrícia Melo já percorreu longa estrada na literatura brasileira. Nascida em 1962, no interior de São Paulo, lançou, até o momento, nove livros, e tem publicações garantidas no exterior. Sua primeira obra, *Acqua toffana* (1994), apadrinhada pelo escritor Rubem Fonseca, foi publicada pela Companhia das Letras, editora que abandona pela Rocco, em 2009. Alcança, assim, desde a sua primeira obra publicada, referencial de público extenso. Alie-se o seu trabalho como roteirista, seu acesso à mídia (atualmente é cronista da revista Veja).

*Tome-se com exemplo seu romance Inferno, publicado em A escrita funcional de Patrícia Melo dá a conhecer um Brasil escondido para grande parte dos leitores, mesmo brasileiros, numa espécie de exposição plana, mediada por um narrador em terceira pessoa que interpreta atos e fatos. Entre lugar e paisagem, a favela é exibida, num misto de civilização e barbárie. O exótico, o pitoresco compõem a imagem da “exclusão social”, nessa espécie de romance de tese em que parece ser impossível sair da favela e ficar no asfalto. O que nos leva a pensar no sucesso da autora em outros países, como Alemanha, França e Inglaterra, onde teve seus livros publicados e recebeu premiações por sua obra.*

O último, *Escrevendo no escuro* diretamente da Suíça, apresenta sua produção como contista, delineando-se por temas tensionados que já frequentavam a sua obra, e por recurso à pseudoautora Cecília Amaranto, espinha dorsal dos textos.

#### ACABAMENTO DE PRIMEIRA: TATIANA SALEM LEVY

Tatiana Salem Levy nasceu em Portugal, em 1979, e vive no Rio de Janeiro. Publicou dois romances: *A chave de casa* (2008), vencedor do prêmio SP de literatura e finalista do Jabuti e *Dois rios* (2011).

Tatiana maneja com segurança as estratégias narrativas e dimensiona, de maneira eficaz, e trata do humano, e da condição, tanto feminina quanto

masculina. A linguagem poética salta aos olhos em seus textos, habilmente trabalhados, em que as funcionalidades se alternam e a dimensão do literário se enfatiza. Envereda pelo campo da autoficção, de paisagens interiores, de busca de relacionamento e do humano, em escrita fina do literário.

## REFLEXÕES FINAIS

As escritoras aqui indicadas, e quase indiciadas, contam com idades diferenciadas – de 30 a 50 anos -, e seus perfis estéticos são muito divergentes. No entanto, unem-se na proposta de se fazerem visíveis, de chegarem ao público fortemente. Todas aparecem em páginas de revistas que não são as especializadas em literatura, ou seja, que chegam ao grande público – *Marie Claire*, *Cláudia*, *Revista de Domingo* do jornal *O globo*, entre outras. Algumas adotam estratégias de venda complementares: Ana Paula e Clarah servem-se dos blogs e da internet; Fernanda Young serve-se da mídia, em que circula com facilidade, para fazer seus livros circularem; Patrícia Melo, quando em outra editora, sempre aparecia em display em seus lançamentos, e acompanhada de uma primeira capítulo, peça de degustação; Ana Paula, Carola e Tatiana frequentam, com aparência de modelos, revistas e jornais.

Enfatizam a consciência de uma literatura de mulheres para o mundo, vendável e disponível. Poderosas em suas poses, em seus textos e seus projetos.

## REFERÊNCIAS

AVERBUCK, Clarah. **Máquina de pinball**. São Paulo: Conrad, 2002.

AVERBUCK, Clarah. **Blog de Clarah Averbuck**. Disponível em <http://adioslounge.blogspot.com>. Capturado em 20 de fevereiro de 2012.

GRANTA, 9: **os melhores jovens escritores brasileiros**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MAIA, Ana Paula. **Carvão animal**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

\_\_\_\_\_. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

\_\_\_\_\_. **A guerra dos bastardos**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

MELO, Patrícia. **Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- \_\_\_\_\_. **Escrevendo no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- SAAVEDRA, Carola. **Do lado de fora**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Flores azuis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Paisagem com dromedário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Toda terça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- YOUNG, Fernanda. **A louca debaixo do branco**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- \_\_\_\_\_. **O pau**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A sombra das vossas asas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

**Recebido em agosto de 2013.**

**Aprovado em setembro de 2013.**

